

Olimpíadas e geopolítica

Olympic Games e Geopolitics

JOÃO FÁBIO BERTONHA*

Meridiano 47 n. 98, set. 2008 [p. 3 a 5]

Em agosto do corrente ano, o mundo parou para assistir às Olimpíadas de Pequim. Em teoria, o momento de conagração da raça humana em torno de uma atividade completamente apolítica, ou seja, o esporte. No entanto, a prática é muito diferente e é possível identificar, nas competições olímpicas, não apenas um dos grandes lugares para a reafirmação do nacionalismo no mundo contemporâneo, como um excelente instrumento para examinar o status do planeta em termos de diferencial de poder e riqueza entre as nações.

As olimpíadas modernas não são realmente o lugar de encontro de jovens atletas amadores, que treinam nas horas vagas e procuram demonstrar seus talentos a seus pares. A vitória, a qualquer preço, é o que se deseja e talvez não haja frase mais hipócrita e falsa do que “O importante é competir”. Os atletas e as nações estão lá para demonstrarem que são os melhores e triunfar e só para isto. Ou alguém acredita que o festival midiático em cima de Michael Phelps foi devido ao tamanho dos seus braços?

Para que um atleta triunfe em uma competição de nível como as olimpíadas, são necessárias várias coisas. Em primeiro lugar, alguns são beneficiados pela genética, que facilita a prática de um dado esporte. Em segundo, uma imensa força de vontade para treinamento sem fim. E, por último, toda uma estrutura que o acompanhe, de preferência desde cedo, com alimentação balanceada, tecnologia para treinos, técnicos e outros profissionais do esporte sempre presentes. Estrutura, enfim.

A mesma equação se aplica com respeito às razões que levam certos países a superarem os outros, em termos de número de medalhas. Há casos (como

o dos turcos e a luta romana, por exemplo) em que um esporte é praticado quase que exclusivamente num país, o que altera os dados. No caso dos europeus, o fato de eles terem participado de todas as olimpíadas e em esportes mais populares no seu continente do que em outros locais também é fator de discrepância. Em outros, um atleta excepcional (como Usain Bolt, da Jamaica, em Pequim) altera todo o panorama, deixando o seu pequeno país lá na frente. Enfim, subjetividade e espaço para o talento individual há e este deve ser, claro, valorizado.

Não obstante, é fácil verificar como os grandes vencedores nos jogos são os países de grande população (que fornece uma base maior na qual a loteria genética e de força de vontade pode atuar) e imensa estrutura voltada tanto ao bem-estar e à saúde da população como à prática do esporte. Em alguns casos, essa estrutura esportiva é simplesmente uma derivação das boas condições de vida de um dado país, mas normalmente é efeito de imenso investimento direto. Esse pode ser tanto do setor privado, interessado no imenso negócio que é o esporte hoje, ou do Estado, cujo objetivo, normalmente, é a demonstração da potência nacional para o mundo.

Observar o quadro de medalhas, de ouro, prata e bronze, desde 1896 até 2008 indica claramente isto. A Europa ganhou 8048 medalhas, enquanto os continentes americano e asiático ganharam, respectivamente, 2922 e 1053. Mas, se se observam estes dados com atenção, ver-se-á que, das medalhas americanas, 75% pertencem aos EUA e 14% ao Canadá e Cuba, restando míseras 320 para o resto da América Latina. O mesmo para a Ásia, onde China, Coreia do sul e Japão concentram 76% das

* Professor da Universidade Estadual de Maringá – UEM (fabiobertonha@hotmail.com).

medalhas. Outras 476 medalhas foram para a rica Oceania e apenas 277 para a África.

O quadro individual também deixa claro que apenas os países ricos e com população minimamente razoável conseguem vitórias expressivas. Os EUA lideram o ranking, com 2298 medalhas, seguidos pela antiga União Soviética, com 1010, pelos quatro grandes países europeus (Itália, Alemanha, Inglaterra e França) e pela China. A maioria dos países pobres não tem mais do que uma ou duas medalhas e o Brasil, com suas 91, está mais ou menos no lugar esperado para um país populoso, mas de renda média e baixo investimento em saúde e esporte.

É claro que este quadro é, metodologicamente, complicado. Se se reúnem as medalhas da Alemanha unida e das antigas Alemanha Oriental e Ocidental, o total a torna a terceira potência olímpica do mundo. A União Soviética somada aos seus países sucessores torna a soma ainda maior. Um cálculo de medalhas divididas por população, IDH ou PIB também poderia dar resultados um pouco diversos, ainda que não muito. De qualquer modo, a soma população, nível de vida e investimento direto é a receita clara para o potencial olímpico.

Isso também é perceptível observando-se a evolução do número de medalhas pelos anos e décadas. Os europeus dominam os jogos, mas sua predominância vem caindo pouco a pouco. O mesmo pode ser dito dos EUA, que têm o maior número de medalhas por nação, mas cuja hegemonia vem sendo contestada, até o segundo lugar em Pequim. Um claro sinal da lenta decadência relativa do poder do Ocidente no mundo.

Nada mais evidente, contudo, do que o colapso olímpico de países como Rússia, Cuba ou outros Estados sucessores da URSS. Aproveitando-se dos restos, em termos de estrutura e atletas, da velha URSS, a Rússia conseguiu uma boa colocação, mas bem longe dos áureos tempos da União Soviética. Sem o investimento maciço que Moscou, Havana e Berlim Oriental faziam na sua estrutura esportiva, eles não têm mais como enfrentar a competição e, portanto, decaíram.

O inverso pode ser dito da China, bem longe do topo no quadro geral de medalhas, mas que

ficou em primeiro em Pequim. Ser a dona da casa ajudou, mas o fato de eles terem decidido usar os jogos para demonstrar a ascensão mundial da China e investido de acordo é o fator central para explicar seu sucesso.

Em resumo, as Olimpíadas são um bom termômetro do jogo geopolítico mundial, ao mesmo tempo em que são um instrumento claro deste mesmo jogo. Vencer nos Jogos é uma maneira simbólica de se mostrar vencedor também no mundo como um todo.

As Olimpíadas – e o esporte em geral – também são, no mundo de hoje, um dos poucos momentos em que o sentimento nacionalista brota com mais força. Em certos países, como os EUA, o patriotismo é tamanho que o esporte é apenas um dos seus elementos. Em outros, como a Alemanha, ele é o último reduto permitido para um nacionalismo que, em outros campos, se revelou perigoso. Mas patriotismo e esporte estão mais do que ligados atualmente e os jogos olímpicos (e as copas do mundo) são o momento supremo desta ligação.

Na verdade, talvez a definição esportiva seja o barômetro mais claro, hoje em dia, para definir identidades e lealdades nacionais. Um italiano que mora no Brasil e torce pela Itália e, depois, pelo Brasil, indica claramente a sua identidade italiana, com respeito simultâneo pelo país onde vive. Um filho de mexicanos que nasceu nos EUA e diz que torce em primeiro lugar pelos Estados Unidos e, depois, se não houver uma partida contra os americanos, pelo México, deixa clara a sua identidade primária e a sua secundária. Mais do que o serviço militar ou falar a língua nacional, talvez seja no futebol que, hoje, a identidade nacional, em sua multiplicidade, se afirme.

O interessante, neste ponto, é como as competições mundiais deixam claro como os grandes blocos políticos e econômicos não substituíram, ainda, as velhas nações. Nos estádios, se viam bandeiras argentinas ou uruguaias, e não as do Mercosul. Ingleses torciam pela Inglaterra e espanhóis pela Espanha e o quadro de medalhas não dizia Mercosul, União Européia ou Nafta. Se, um dia, as medalhas da União Européia forem computadas em conjunto e a

bandeira azul e dourada for erguida toda vez que um atleta europeu subir ao pódio, então se acreditaria numa nacionalidade européia. Até lá, a Europa continua a ser, no máximo, uma confederação e o discurso do presidente francês Nicola Sarkozy de que a União Européia, com suas 280 medalhas somadas, venceu os jogos de Pequim, são apenas bonitas palavras jogadas ao vento.

As olimpíadas, pois, representam a disputa de talentos individuais e não há porque não valorizar os que se mostram capazes de superar os seus limites. Mas, como tudo no mundo, são também poder e disputa entre indivíduos e entre nações, num jogo onde nem sempre vence o melhor ou o mais esforçado, mas aquele que tem mais recursos à disposição. Ter isto em mente pode ser útil quando todos se sentarem novamente, em 2012, para

assistir aos jogos e se decepționarem, de novo, com o desempenho brasileiro.

Recebido em 26/09/2008

Aprovado em 30/09/2008

Palavras-chaves: Olimpíadas, nacionalismo, poder

Key words: Olympic Games, nationalism, power

Resumo: o artigo trata de competições esportivas, em especial as olimpíadas. Nelas, valorizam-se o nacionalismo e o poder dos países.

Abstract: the article deals with athletic competitions, particularly the Olympics, in which nationalism and country power are prized.

